

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CECILIA MANGINI
30 de Outubro de 2021

LA TORTA IN CIELO / 1973

Um filme de Lino del Fra

Realização: Lino del Fra / Argumento: Lino del Fra, Cecilia Mangini e Luigi de Santis, baseado num romance de Gianni Rodari / Direcção de Fotografia: Eliseo Caponera / Direcção Artística: Giuseppe Mangano / Música: Massimo Pradella / Som: Pietro Spadoni / Montagem: Roberto Perpignani / Interpretação: Paolo Villaggio (Comandante), Didi Perego (Luisa Lombardozzi), Umberto D'Orsi (guarda), Franco Fabrizi (locutor da televisão), Daniela Minniti, Massimo Cacchiani, Fernando Busini, Alfredo Colecchia, Armando Pensa (crianças), etc.

Produção: Istituto Luce / Cópia: digital, cor, falada em italiano com legendagem electrónica em português / Duração: 102 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

*A folha do outro filme da sessão, **Lori e le Belve**, é distribuída em separado.*

Peculiar casamento entre a ficção científica, o manifesto político, e o filme para crianças, **La Torta in Cielo** ficou rapidamente bastante esquecido, depois de uma recepção nada entusiástica da crítica italiana (e do público italiano) na época da estreia. Uma voz tão importante na crítica italiana como a de Tullio Kezich resumiu o sentimento geral, chamando-lhe “uma proposta falhada de abrir um discurso sobre o cinema para crianças”.

Crianças nunca faltaram ao cinema italiano, que dos **Ladri di Biciclette** de de Sica ao **Incompresso** de Comencini (para dar um exemplo mais ou menos contemporâneo de **Torta in Cielo**) muitíssimas vezes as pôs no centro da acção, embora certamente se possa discutir se esses (e outros) filmes se destinavam primordialmente a um público infantil, ou se procuravam uma prática cinematográfica especialmente vocacionada para um público constituído por crianças. De certa forma, a mesma questão se pode pôr em relação ao filme de Lino del Fra: adapta uma história para crianças, da autoria de um célebre autor italiano especialista em literatura infantil (Gianni Rodari); é protagonizado por crianças, escolhidas e recrutadas no mesmo bairro romano (Borgata del Trullo) onde o essencial da acção se passa e tudo foi filmado, um aspecto que aliás imediatamente o filia na tradição neo-realista e suas múltiplas derivações; tem um tom, entre a leveza e a farsa, que o aproxima daquela espécie de “surrealismo infantil” (o OVNI em forma de bolo, que dá título ao filme) que marca, por exemplo, muitos desenhos animados que o cinema ou a televisão conceberam para os mais pequenos. Tudo isso é certo, mas: o público adulto está excluído desta conversa? Será, tanto quanto um filme para ser gozado pelos mais novos, uma forma de usar a voz das crianças para dizer algo aos adultos?

Diríamos que sim. Há um fundo de alegoria política em **Torta in Cielo**, quanto mais não seja pelo retrato de um mundo vagamente distópico e propriamente “fc”, para que contribuem igualmente as figuras que o filme associa ao poder, ao espectáculo (a televisão) e à manutenção da ordem (o exército e a polícia). Aliás, o filme funciona como uma caricatura de um modelo de ficção científica – a “invasão extraterrestre” - que já tinha vários precedentes e voltaria, nas décadas seguintes, a ser

periodicamente actualizada; mas de entre todas as subversões desse modelo que o filme opera, a mais “revolucionária” (e que, de certa forma, antecipa o *ET* de Spielberg em praticamente dez anos) estará na relação privilegiada que as crianças estabelecem com o alienígena que “tripula” o bolo voador. Perante o caos posto em marcha pelo amedrontado e securitário mundo dos adultos, é do mundo das crianças que parte a verdadeira comunicação. E tudo ganha outros sentidos se pensarmos que o filme vem do princípio dos anos 70 italianos, os “anos de chumbo”, marcados por fortíssimas tensões e violências de cariz político – um pormenor que hoje parece profundamente significativo, porventura mais até do que em 1973 (porque este tipo de “recuo” era, obviamente, impossível). Quando, perto do final, as crianças se dirigem directamente ao espectador, numa espécie de apelo (“venite!”, “moveteve!”), a fábula política, interpretada por crianças mas *dirigida* a adultos, torna-se evidente.

Luís Miguel Oliveira